

A PARTICIPAÇÃO DOS ESPANHÓIS NO CONTEXTO IMIGRATÓRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

THE INVOLVEMENT OF SPANIARDS IN THE IMMIGRATORY CONTEXT OF THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL

Roberto Rodolfo Georg Uebel¹

Rita Inês Paetzhold Pauli²

RESUMO

O objetivo do artigo é efetuar uma reconstituição histórico-econômica da imigração espanhola no Rio Grande do Sul, via a contextualização das correntes imigratórias nas regiões mais dinâmicas do estado. Os procedimentos metodológicos compreendem, além da revisão literária, a construção cartográfica que indica as regiões que receberam o fluxo imigratório espanhol desde o final do século XIX até a primeira década do século XXI. Os resultados mostram que a imigração espanhola no Rio Grande do Sul desenvolveu-se em quatro regiões distintas, concentrando-se no estado em forma de “L” invertido, tendo suas grandes colônias na fronteira sul e na região metropolitana na parte do Delta do Jacuí próxima à região carbonífera, incluindo a capital, Porto Alegre. Essa imigração é representada nessas regiões pela sua cultura, arquitetura, monumentos e literatura, podendo ser considerada como uma das migrações de maior impacto e repercussões fora da América Hispânica.

Palavras-chaves: Imigração espanhola no Rio Grande do Sul. Imigração espanhola no Brasil. Cultura da Espanha no Rio Grande do Sul. Cultura da Espanha no Brasil.

ABSTRACT

The objective of this article is to make a historical economic reconstruction of the Spanish immigration in Rio Grande do Sul, through the contextualization of migratory flows in the most dynamic regions of the state. The methodological procedures include, apart from the literature review, the cartographic construction that indicates which regions received the Spanish immigratory flow from the late nineteenth century to the first decade of the twenty-first century. The results show that the Spanish immigration in Rio Grande do Sul developed itself into four distinct regions, concentrating itself in the state in the shape of an inverted “L”, with its larger colonies located on the southern border and in the metropolitan area, in the part of Jacuí Delta, next to the carboniferous region, including the capital, Porto Alegre. This

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador do Laboratório Estado e Território (LABETER/UFRGS/CNPq).

2 Doutora em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisadora do Núcleo de Estudos Econômicos (NEEC/CNPq) da Universidade Federal de Santa Maria.

immigration is represented in these regions by its culture, architecture, monuments and even literature, and could be considered as one of the Spanish migrations with higher impact and repercussions outside the Hispanic America.

Keywords: *Spanish Immigration in Rio Grande do Sul. Spanish Immigration in Brazil. Spanish Culture in Rio Grande do Sul. Spanish Culture in Brazil.*

INTRODUÇÃO

É sabido que para a compreensão das especificidades da imigração espanhola no contexto migratório sul-rio-grandense se faz necessário abordar suas ramificações sociais, econômicas e territoriais. Todavia, a abordagem da imigração espanhola – não só em território sul-rio-grandense, mas também em toda América Latina encontra dificuldades para parametrizar e catalogar, de forma historiográfica ou geo-antropológica, os grupos de imigrantes espanhóis que aportaram por essas terras desde o século XVI. Segundo Weber *et al.* (2009):

Justamente o fato de serem antigos ocupantes do território e de sentirem-se, portanto, à vontade, na sociedade regional, fez com que espanhóis, assim como os portugueses, tivessem menos necessidade de criar instituições para defender seus interesses (o número de entidades e associações criadas por descendentes de imigrantes italianos e alemães no Rio Grande do Sul é bem maior). E, por terem se incorporado à população, os espanhóis e seus descendentes também não constituíram comunidades relativamente fechadas ou “colônias”. Um outro aspecto a considerar é que a presença de imigrantes da América espanhola no Brasil, que se identificam pelo país de origem, principalmente Argentina e Uruguai, torna mais difícil aos brasileiros, devido à semelhança linguística, distinguir os imigrantes espanhóis dos americanos hispânicos (WEBER *et al.*, 2009, p. 1).

Weber *et al.* (2009) seguem a tendência dos pesquisadores paulistas ao perceber que os imigrantes espanhóis não formaram grupos ou comunidades da mesma forma que alemães e italianos – em sua maioria – o fizeram em todos os territórios brasileiros em que se estabeleceram. Assim, há consenso na ideia de uma não instauração de coletividades de imigrantes espanhóis em seus territórios receptores, a exemplo do descrito por Silva Júnior (2004) no que tange as entidades mutualistas étnicas – no caso espanhol, as sociedades de socorro mútuo.

É patente notar que a média de imigrantes espanhóis no Brasil oscilava ao longo dos decênios do século XX, conforme se observa no gráfico abaixo (Gráfico 1):

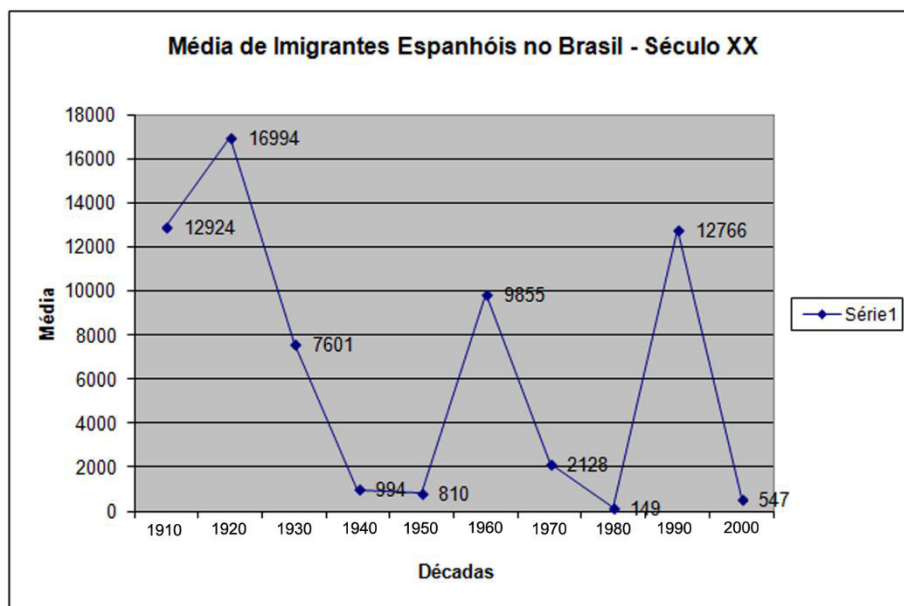


Gráfico 1 – Média de imigrantes espanhóis no Brasil – século XX

Fonte: Uebel (2012).

A importância da imigração espanhola no *ranking* dos maiores contingentes migratórios para o Brasil variou, não apenas em números absolutos, mas principalmente devido ao ingresso crescente de outros grupos da chamada “imigração contemporânea”. Em um levantamento dos imigrantes que ingressaram na Província do Rio Grande do Sul em 1891 e 1892 – menos de dez anos depois do início da imigração espanhola ao Brasil –, os espanhóis estão em terceiro lugar, seguindo os alemães e italianos, cuja porcentagem é maior que 60% (WEBER, 2010a). Todavia, pelos dados dos Censos de 1920-1960, eles ocupam a oitava posição dentre os estrangeiros, sendo superados por italianos, alemães, poloneses, russos, portugueses, uruguaios e argentinos (em posições variadas). Diante desses números, a historiografia rio-grandense argumenta que os espanhóis possuem uma visibilidade compatível com sua expressão numérica no estado.

As considerações alinhadas sobre essa imigração para o Sul do Brasil a diferenciam de um contexto específico da imigração espanhola para o estado de São Paulo, o da imigração para os cafezais paulistas nas primeiras décadas do século, ainda que autores paulistas tenham partido de motivações semelhantes: a escassa visibilidade do imigrante espanhol que se

destinou àquele estado, expressa em um número reduzido de investigações comparativamente aos estudos dedicados a outros contingentes migratórios.

Complementando, Arroyo (1958) fala sobre o processo de amalgamação dos imigrantes espanhóis no Rio Grande do Sul:

[...] é rápido e natural. Ainda aqui, mais acentuado e rápido quando mais jovem for o imigrante. Disso deriva um corolário: a completa ausência de quistos ou núcleos raciais espanhóis; isto apesar de marcante personalidade dos espanhóis como nação e do culto que dedicam a todas manifestações de arte e folclore da sua pátria. (ARROYO, 1958, p. 247).

Mesmo que esse processo descrito como amalgamação possa ser interpretado à luz de um sentido cultural e sociológico, é mister destacar o número de casamentos mistos registrados à época, conforme aponta Weber (2010b) em sua pesquisa.

Integração rápida à sociedade mais ampla, dispersão, mistura com a população local, alteração na grafia dos nomes, associação às instituições nativas são as ponderações de Klein (1994) sobre a imigração espanhola no Brasil e também adaptadas ao Rio Grande do Sul: ao contrário do que ocorrera em especial com os italianos e alemães, não houve bairros tipicamente espanhóis ou dominância em vilas ou colônias, excetuando-se a cidade de Sorocaba, consoante já escrito, e uma marcada presença em cidades da fronteira sul com países hispano-americanos.

As circunstâncias apontadas oferecem dificuldades específicas à formação de lideranças étnicas interessadas em exercer poder sobre a comunidade, formulando um discurso que “anuncia ao grupo a sua identidade socioeconômica”, impondo-lhe uma visão única da sua identidade (UEBEL, 2012)³. O velho republicanismo que animara as lideranças espanholas mais expressivas das primeiras décadas do século foi adquirindo vieses anarquistas a partir da década de 1940 e não poderia mais servir de elo identitário (de ligação entre uma cultura, língua, pertencimento comuns) à comunidade, agora ideologicamente polarizada, inclusive em aspectos econômicos e comerciais.

O regime ditatorial que se implantou na Espanha na década de 1940

3 Grosso modo, pode-se afirmar que a identidade resulta de um processo constante de tensão entre o sujeito histórico e as condições sociais em que vive (FARIA; SOUZA, 2011).

era relativamente hostil à imigração, e o governo espanhol só vem a atuar de modo mais expressivo como um agente nas comunidades emigradas a partir dos anos 1950, quando é criado o Instituto Espanhol de Imigração, num contexto de modernização do Estado espanhol, quando uma visão tradicionalmente negativa do fenômeno migratório cede lugar a uma visão positiva (KLEIN, 1994).

O governo espanhol também passou a incentivar a criação de institutos de cultura hispânica, como o que surgiu no Rio Grande do Sul e que, desde o seu primórdio, atuou em instituições educacionais e culturais do estado, dentre elas, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Weber (2010a) argumenta ainda que existe uma hispanidade além-mar, assim como existe uma italianidade e um pan-germanismo.

Sendo um território fronteiro, destinado por vários séculos a marcar os limites entre a América portuguesa e a espanhola, tendo recebido muitas levas de imigrantes nos séculos XIX e XX e crescentes contingentes de imigrantes no final do século XX e início do século XXI, o Rio Grande do Sul, na visão dessa autora, poderia ser um ambiente para o desenvolvimento dessa representação de hispanidade.

Para Gómez Del Arroyo (1958) os municípios em que se instalaram os grupos espanhóis no Rio Grande do Sul, se circunscreveram majoritariamente em municipalidades fronteiriças, sendo as principais receptoras de espanhóis, conforme aponta Angel Gómez del Arroyo (1958): Porto Alegre, Pelotas, Bagé, Lavras do Sul e Santana do Livramento. A partir desse estudo e subsidiariamente de outros autores, o presente artigo incursiona na identificação dos municípios e sua inserção das regiões específicas a partir da realização de um mapa cartográfico. Além disso, identifica o *locus societal* de sua inserção territorial ou seja, mostra atividades específicas e atuações particulares de atração dos espanhóis no território sul-rio-grandense.

1 A inserção da população imigrante espanhola no território sul-rio-grandense

No que concerne ao regionalismo, que até o início do século XXI ainda caracteriza a população da Espanha, os espanhóis que chegaram no Rio Grande do Sul, segundo Iolanda Vargas (1979), assumiram obrigações de tamanha transcendência no país aonde vieram residir, chegando a descharacterizar esse traço característico, o qual foi sobrepujado por qualidades como carisma, lealdade, trabalho, e respeito para com a nação que elegeram como segunda pátria, aliadas ao dever de lutar por seu progresso e bem-estar, tanto na parte cultural como na econômica e social.

Wilma Kieling remete sua análise às origens dos espanhóis que fi-

zeram partícipe a sua presença no Rio Grande do Sul por meio de Vargas (1979):

[...] nascidos em qualquer rincão da Espanha, como nas planícies de Castilha, de amplos horizontes sem fim [...]; ou oriundos do duro Aragão, onde, ao jurar aos reis, se fazia constar, com um fino sentido de cidadania [...]; ou, quem sabe, seu berço tenha sido a vigorosa Astúrias, que haveria de iniciar o movimento de reconquista da Espanha, expulsando os árabes invasores de suas terras; ou talvez procedesse da Andaluzia, primeiro centro de ciência na Europa [...]; ou vieram da Catalunha, terra de conquistadores e valentes capitães do mar [...]. (KIELING, 1979 *apud* VARGAS, 1979, p. 27).

É importante ressaltar nesse fragmento as características desse grupo imigrante de distintas partes do território espanhol que vieram configurar as especificidades da própria imigração ao estado do Rio Grande do Sul. Pode-se analisar, nesse sentido, de forma incipiente, que as características dessas regiões autônomas foram replicadas no território sul-riograndense ao longo do século XX, conforme se observará nos parágrafos a seguir.

Vargas (1979) e posteriormente Prochnow (2009) realizaram a descrição das atividades sociolaboriais desses imigrantes espanhóis que se encaminharam ao Rio Grande do Sul, sendo esses registros necessários para configurarmos nosso padrão de análise. Suas profissões, mesmo que modestas, deram grande impulso ao desenvolvimento do estado, nas mais diversificadas áreas.

Na pecuária, a zona de fronteira – Bagé, Santana do Livramento e Uruguiana – conserva, até os dias de hoje, numerosas famílias espanholas com seus descendentes. Na agricultura, muitos foram os que, nas encostas de Bento Gonçalves, se estabeleceram e prosperaram (VARGAS, 1979).

À zona carbonífera de São Jerônimo, Butiá e Arroio dos Ratos, a colônia espanhola levou o progresso, lançando as bases da prosperidade econômica e cultural que ainda se verificam nestas cidades. Vargas (1979) faz o registro de que essa colônia foi a responsável pela grande empresa mineral existente na região até hoje, levando consigo uma conclusão: “foi nas cidades gaúchas que a presença do espanhol se fez sentir com maior intensidade” (VARGAS, 1979, p. 28-29).

Nos registros do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e Minis-

tério do Trabalho e Emprego do Brasil, consta que todos os imigrantes espanhóis tinham um trabalho especializado: alfaiates, carpinteiros, ourives, marmoreiros, ferreiros, barbeiros, jornalistas, gráficos comerciantes, artistas, professores, pedreiros; logo, observa-se que todos encontraram no estado um campo fértil para dar vazão à sua ânsia de prosperar.

Eles vinham da Europa, marcados por muitas diferenças sociais, econômicas e ideológicas. Por terem uma qualificação profissional, manifestam as suas ideologias e lutam pela igualdade social. Suas ideias têm grande receptividade junto à classe operária assalariada, conforme já foi abordado por Klein (1994).

No começo do século XX, movimentos grevistas começam a aparecer entre 1906 e 1917 e tornaram patente suas reivindicações na organização sindical estadual. Os espanhóis aqui no Rio Grande do Sul, confirmando a análise de Arroyo (1958), não formaram lideranças políticas nem chegaram a formar sindicatos.

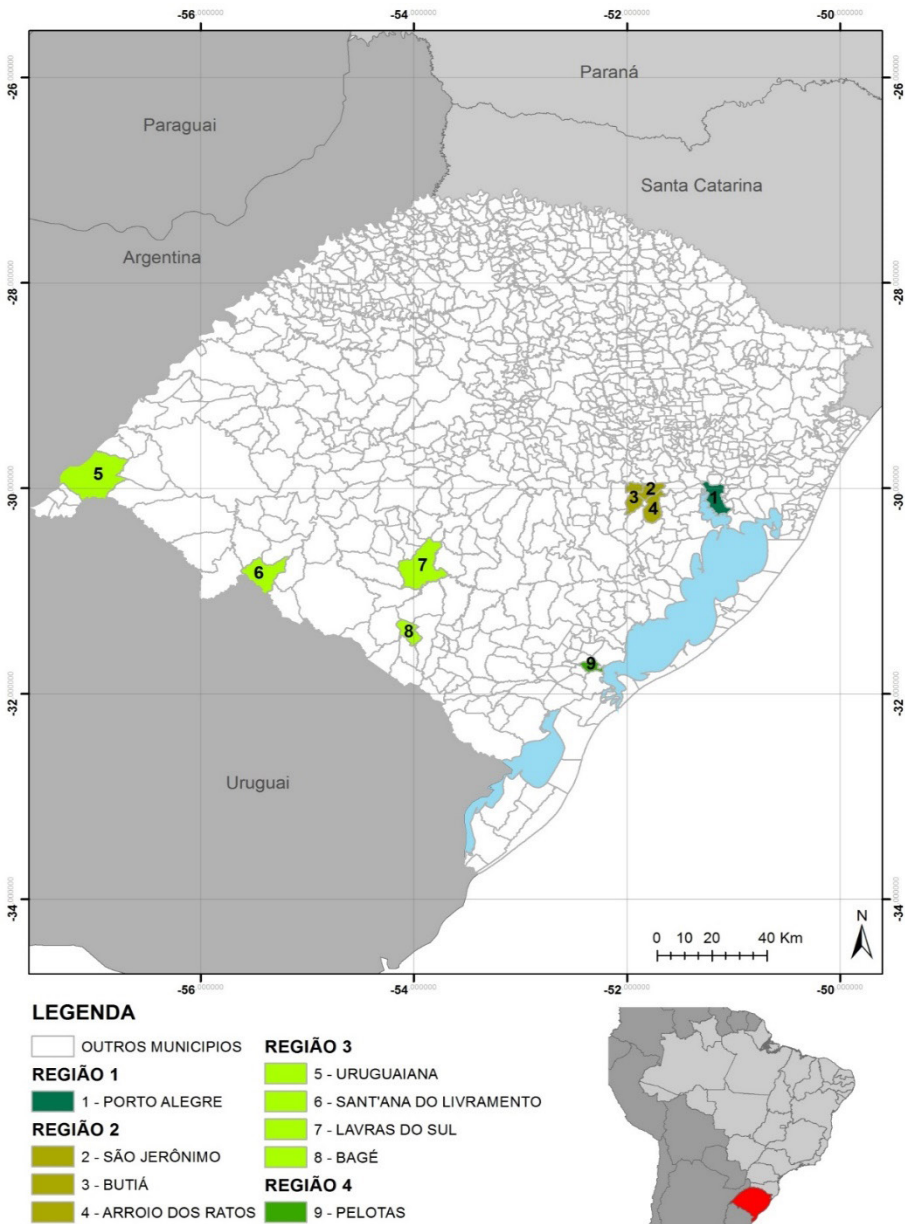
Sua participação foi ativa dentro dos sindicatos nacionais brasileiros, pela experiência da atuação que traziam dos sindicatos de sua terra de origem, independentemente da região autônoma de que provinham, e mesmo pela forte ideologia do anarquismo, que contribuíra inclusive para suas especificidades econômicas, que muitos traziam dentro de si, sempre contrários às desigualdades existentes na sociedade. Vargas expõe como era a vida do imigrante espanhol recém-chegado ao Rio Grande do Sul:

Seus primeiros passos foram marcados pelo trabalho duro, de sol a sol, ganhando pouco e enfrentando muitas privações. Construindo inicialmente uma pequena casa, e à medida que financeiramente prosperavam iam aumentando, criaram raízes profundas no solo gaúcho. Muitos vieram casados, outros, casaram-se aqui e tiveram muitos filhos e nesse afã, de levar adiante sua família, deram ao Estado tudo o que tinham: seu trabalho e seu esforço sem limites. (VARGAS, 1979, p. 30).

Observa-se nessa citação a questão que norteia esta pesquisa: as contribuições essenciais e indispensáveis do grupo imigrante espanhol no Rio Grande do Sul, sendo importante esquematizar cartograficamente a localização das maiores colônias espanholas *lato sensu* no estado durante o século XX no Mapa 1 a seguir.

MAPA 1

Mapa de localização geográfica das quatro regiões que receberam a imigração espanhola no Rio Grande do Sul durante o século XX.



Fonte: Uebel (2012).

Observando o mapa acima, tem-se que a imigração espanhola se concentrou no estado em forma de “L” invertido, tendo suas grandes colô-

nias na região e fronteira sul e na região metropolitana na parte do Delta do Jacuí próxima à região carbonífera, incluindo a capital, Porto Alegre.

É importante ressaltar que esse grupo migratório se orientara – desde o início da migração no final do século XIX e primeiras décadas do século XX – para as regiões onde os alemães e italianos não se inseriram, bem como outros grupos de imigrantes, ocupando uma área que, segundo Dacanal (1980), era o território com maior vazio demográfico da Região Sul do Brasil, indo ao encontro do que Prado Júnior escrevera sobre a imigração diferenciada no Rio Grande do Sul, com grandes fins militares e econômico-desenvolvimentistas.

2 Particularidades da imigração espanhola em Porto Alegre

Observa-se ainda como a década de 1950 remetia a um período de desenvolvimentismo no Brasil que, apesar de não alcançar todas as camadas da sociedade, facilitava a absorção de mão de obra qualificada, advinda dos países industrializados europeus. Desde a década de 1930 que se ultrapassava o modelo primário-exportador, adquirindo hegemonia na Economia o setor industrial (LAGEMANN, 1980). Deve-se isso à dificuldade de importações acarretada pelos conflitos mundiais e pela crise que assolara as economias europeia e americana, principalmente, ao limiar da década de 1920 e 1930, que gerou escassez de divisas e a necessidade de aumento da capacidade industrial para a produção de bens de consumo não duráveis, processo este que integrou nacionalmente a economia brasileira, especialmente a partir do centro-sul do País (CARRION JÚNIOR, 1979).

O município de Porto Alegre acompanhava essa situação desenvolvimentista vivida pelo país, com o surgimento de indústrias (metalúrgica, química, têxtil, moveleira, do vestuário etc.) e com a diversificação da atividade econômica, representada pela ampliação da rede comercial por meio de grandes estabelecimentos e por pequenas lojas varejistas que atendiam à demanda da população local.

Esse cenário vai possibilitar investimentos em mão de obra na cidade, particularmente no período do último fluxo imigratório para a Capital sul-rio-grandense. Igualmente, a industrialização gerava e fortalecia o setor de serviços e de comércio, setores onde os depoentes da pesquisa de Prochnow (2009), assim como os imigrantes em geral, encontrarão trabalho. Além disso, tal contexto facilitava a abertura de negócios próprios, fato relatado com orgulho por alguns dos imigrantes à época.

Resumidamente, esse quadro fornece a perspectiva de como o desenvolvimento econômico e a expansão urbana favoreciam o emprego de imigrantes na cidade, ora mais ora menos importantes na participação do

desenvolvimento industrial. Consoante apontara Diégues Júnior (1964), não faltou a participação do imigrante no desenvolvimento econômico e social de Porto Alegre, e de outras cidades brasileiras, contribuindo para a diversidade cultural da vida urbana.

Por fim, a mobilidade laboral e residencial evidencia a restrição econômica que caracterizava os primeiros tempos na referida cidade. O crescimento populacional e urbano aumentava a concorrência entre as atividades comerciais, elevando o valor dos imóveis e dos aluguéis. A proximidade com o centro, o acesso ao transporte, a cobertura de serviços básicos, influenciavam no preço pago e na ocupação do espaço urbano.

Prochnow (2009) disserta que para os imigrantes espanhóis o Brasil foi um destino secundário, sendo antes escolhidos países de língua espanhola, e mesmo em alguns casos, a região de Québec, província francófona do Canadá. Configurava-se a Argentina como destino principal, no entanto esse país preenchia rapidamente sua cota de imigração ou então a sua história política causava distúrbios sociais que os espanhóis queriam deixar para trás, conforme Arsène Isabelle já descrevera em 1835 em sua visita à Bacia do Rio da Prata.⁴

Os depoentes da pesquisa realizada por Prochnow (2009) que partem da Espanha relataram que possuíam informações sobre Porto Alegre por contatos de familiares ou por amigos que haviam passado pela cidade, ou que nela permaneciam. Emílio Rozado apud Prochnow (2009) afirma que possuía um “histórico de imigração na família”, de parentes que já haviam passado pela referida capital.

3 Formas de inserção da atividade do imigrante espanhol na economia regional

Para ensejar a contribuição teórica que subjaz o trabalho, o impacto da economia imigrante espanhola no território e desenvolvimento econômico sul-rio-grandense, busca-se em Moure (1980) a principal contribuição teórica dessa economia migrante, já abordada em Hatton e Williamson (1998), ao Rio Grande do Sul por meio da mão de obra espanhola. A contribuição de Moure (1980) é única na literatura imigrantista do Rio Grande do

4 Em sua obra “Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul”, publicado em 1835 e reeditado pelo Senado Federal do Brasil em 2006, Arsène Isabelle, um naturalista e viajante francês, retrata em sua visita, principalmente quando esta se dá em Buenos Aires e Montevideú, a grande presença de imigrantes espanhóis vivendo naquelas municipalidades e suas interações sociais e econômicas com a sociedade local, chegando a abordar, em certa altura da obra, o excesso de contingente espanhol que lá vivia e se dirigia ao interior do Uruguai e Rio Grande do Sul.

Sul e encontra-se à altura das contribuições nacionais de Diégues Júnior (1964) e Martins (1973) sobre a imigração econômica.

O Rio Grande do Sul atual é resultado de um processo histórico intimamente relacionado aos interesses e necessidades do mercado interno brasileiro, conforme já escrevera Prado Júnior (1994). Em função deste, evoluiu, sofreu transformações e adaptações sem perder essa linha mestra que caracterizou a colonização da região a partir do período colonial português (MOURE, 1980). Com a mineração, no século XVIII, as estâncias passaram a ocupar a campanha sul-rio-grandense, fornecendo gado em pé como força de tração para o transporte dos metais preciosos do interior das Minas Gerais aos portos marítimos de São Paulo e Rio de Janeiro. Com a decadência da mineração, o Brasil, em processo de independentização política, redefine sua função agroexportadora com base na lavoura cafeeira, onde mais tarde a mão de obra do imigrante espanhol seria requisitada em São Paulo. Nesse período, o Rio Grande do Sul teve duas alternativas, explicitadas por Moure (1980): (a) a charqueada como preparação da carne a fim de atender a alimentação da escravaria do centro do país; e (b) a produção tritícola açoriana, cuja colonização, próxima de Porto Alegre, com base na produção para subsistência de médios proprietários, começou a oferecer um excedente de produção comercializável.

Além do que, esse jogo de interesses e subdivisões produtivas de cunho político-econômico-sociais não estava desligado de um processo maior, conforme diz-nos Moure (1980). Ao longo do século XIX e no início do século XX, países europeus, que apresentavam alta densidade demográfica e consequente número de desempregados e se encontravam em processo de concentração de capital, a fim de viabilizar a industrialização, utilizaram a emigração como um dos meios de aliviar tensões sociais internas. Os emigrantes ainda seriam forte mercado consumidor das manufaturas de seus países de origem, ou capitalizadores de recursos possíveis de serem transferidos às suas terras natais *a posteriori*. Nesse sentido Moure (1980) aponta que:

A emigração europeia era minimizada em casos específicos, como a guerra franco-prussiana, que reteve alemães por motivos de segurança interna, viabilizando a chegada dos primeiros italianos [e espanhóis] para o Rio Grande do Sul [...]. (MOURE, 1980, p. 94).

Associadas aos interesses nacionais e internacionais havia, então, claras definições no âmbito do Rio Grande do Sul, visto que a classe domi-

nante pecuarista admitia somente a ocupação de terras improdutivas para a criação de gado. Esse foi um elemento básico que separou as duas atividades econômicas propostas, impondo obstáculos a uma integração entre ambas.

No entanto, foi com a imigração alemã, e posteriormente a italiana e espanhola, que a formação social agrícola, também chamada de colonial, desenvolveu características próprias e diferenciadas da pecuária rio-grandense. Frente aos resultados historicamente assegurados pela imigração germânica, italiana e espanhola, minimizar-se-á a importância do açoriano e outros grupos, pela pouca representatividade no contexto atual da sociedade sul-rio-grandense, o que leva inclusive à “invisibilidade não totalmente invisível” dos espanhóis em Porto Alegre, dado o que Vargas (1979) e Krieling (1979) escreveram sobre as duas sociedades espanholas de Porto Alegre.

Em 1875, inicia-se a grande corrente de imigração italiana, ao norte das colônias alemãs, e dez anos mais tarde, a corrente de imigração espanhola ao sul das colônias alemãs, o que pode ser visualizado na ilustração cartográfica a seguir, com a localização dos principais grupos migratórios no Rio Grande do Sul.

Essas correntes italianas e, em menor proporção, as espanholas, tiveram três etapas básicas em seu processo de desenvolvimento, conforme escrevera Moure (1980): 1) o estabelecimento dos imigrantes nos moldes de uma agricultura de subsistência (1880-1910); 2) o desenvolvimento de atividades agrícolas e vitivinícolas para os italianos (1910-1950), no qual a comercialização de excedentes de produção começa a especificar a área de colonização ítalo-espanhola; e 3) a instalação de cooperativas e empresas de industrialização capazes de aproveitar a produção local, gerando, a exemplo da zona colonial alemã, redefinições ao nível de mercado e nas relações de produção da pequena propriedade, como demonstrar-se-á mais adiante, se confirmando o que Prochnow (2009) escrevera sobre o cooperativismo nas instâncias imigrantes.

A imigração, desde seus primórdios de produção para a subsistência, desenvolveu também um artesanato rural. O ofício manual do artesão, ajudado por um ou dois companheiros, produzia tecidos de linho e algodão; surgiam alfaiates, sapateiros, seleiros, e alguns proprietários construíam moinhos de cereais e lagares de azeite, conforme descreve Moure (1980), corroborando novamente a abordagem de Arroyo (1958) e indo ao encontro da descrição das principais atividades econômicas dos imigrantes espanhóis, ou seja, sendo notável que essas inferências complementam-se ao analisar-se a história do grupo migratório em análise e ao confrontar tais

inferências com o que se acabara de ser observado.

O artesanato conseguiu reduzir a produção familiar necessária à sua sobrevivência no início da imigração e colonização. Até então, era a família que fiava e tecia o linho e o algodão, fabricava a farinha de arroz e mandioca e demais produtos alimentícios, isso em todos os grupos de colonização, à exceção dos açorianos, no Rio Grande do Sul. Além de fornecer os artigos necessários à vida local, o artesão imigrante realizava a transformação dos produtos agrícolas para torná-los exportáveis (UEBEL, 2012).

Vale ressaltar que a transformação dos produtos agrícolas e oriundos do artesanato segue a mesma linha de evolução que começara a ocorrer na Europa quase dois séculos antes, conforme comumente estuda-se em História Econômica Geral, seja em Leo Huberman (2008) ou em Maurice Dobb (1986), sobre a evolução do capitalismo. Ou seja, a imigração espanhola e italiana no Rio Grande do Sul começa a dar pistas de que seguiu os mesmos moldes da evolução capitalista, do artesanato até a indústria, que ocorrera no velho continente na pré-Revolução Industrial, reproduzindo o mesmo sistema.

Moure (1980) defende a ideia que, com os meios de transportes e a figura do comerciante, o artesão imigrante tendeu a desaparecer. Entretanto, esses mesmos meios de transportes fazem crescer o artesanato voltado à exportação, como farinhas, alambiques, vinhos, fumo e banha e outros produtos descritos por Singer (1977). Contudo, o artesanato imigrante estava fadado a morrer diante do desenvolvimento da agricultura comercial, cujos recursos monetários capacitavam o agricultor na aquisição de produtos necessários em troca de seu excedente comercializado.

Entretanto, procurar-se-á demonstrar que não existiu um mecanismo com base na morte do artesanato pelo comércio, com este último determinando, exclusivamente, o processo de industrialização. O binômio comércio-indústria foi responsável pela redução das capacidades de subsistência artesanal, face às limitações internas de expansão da produção desta. Contudo, algumas formas de artesanato levaram à indústria, em especial as voltadas à exportação, vistas anteriormente.

Jean Roche (1969), ao analisar a estrutura de produção do artesanato imigrante no Rio Grande do Sul, enfatiza a inexistência de capital e consequente atrofiamento na acumulação. As ferramentas eram simples e a mão de obra executada por um ou dois ajudantes, também do mesmo grupo migratório. Apesar de receberem salário, normalmente eram filhos ou parentes próximos do artesão. Muitos artesãos, segundo os registros de Arroyo (1958), dividiam sua produção com a agricultura em sua pequena propriedade. A separação dos meios de produção dos trabalhadores ine-

xistia, uma vez que filhos e/ou parentes tornavam-se coproprietários da oficina artesanal.

Singer, criticando diretamente Limeira Tejo, demonstra que “a constituição de um mercado apropriado para o surgimento da indústria estava preconizada à liquidação do artesanato” (SINGER, 1977, p. 168). Não foi a indústria rio-grandense que a liquidou, pois ela só surge bem mais tarde após o início da imigração espanhola e italiana. O aniquilamento se deve, então, diretamente aos bens importados, ou seja, à concorrência da indústria estrangeira, cuja inserção se torna possível graças à ligação da economia “colonial” ao mercado nacional, o que Uebel (2011) aponta em seu artigo sobre as influências da Espanha e Holanda na formação econômica brasileira.

Entretanto, Roche (1969), não descaracterizando a importância do comércio dos imigrantes para o desenvolvimento da indústria no Rio Grande do Sul, acredita que não foi aquele que gerou esta, mesmo porque algumas fábricas surgiram do artesanato urbano. Para o autor, os reais impulsionadores da industrialização seriam as tarifas alfandegárias protecionistas vigentes após a proclamação republicana, a abolição da escravatura, o reinício da imigração suprimindo deficiências de especialização ao trabalho, e os progressos da navegação de cabotagem.

A grande dúvida é de onde surge o capital necessário para a industrialização do Rio Grande do Sul por meio da mão de obra imigrante. Até mesmo Roche (1969), conforme visto anteriormente, demonstrou a inexistência de capital e a impossibilidade de acumulá-lo no artesanato imigrante. Singer (1977) enfatiza como fatores externos provocadores da industrialização o encarecimento dos produtos importados pelos imigrantes também via aumento de taxas cambiais e alfandegárias característico do governo republicano. Por outro lado, a substituição das importações por industrialização no Rio Grande do Sul não foi somente em decorrência desses fatores externos, mas também pressupõe a existência de fatores internos ao sistema produtivo imigrante: acumulação de capital comercial, demanda crescente no mercado interno consumidor, matérias-primas na fonte, energia elétrica e mão de obra especializada oferecida pelos imigrantes espanhóis e seus descendentes, corroborando a arguição deste trabalho com base em Arroyo (1958).

A formação de um mercado interno sul-rio-grandense tem sua dinâmica, assim, calcada no caráter específico da imigração alemã, italiana, espanhola, polonesa e açoriana, dentre outras, confirmando-se assim as colocações de Moure (1980) sobre o tema. A produção agrícola da zona colonial, com base na pequena propriedade, marcou profundamente a for-

mação e a potencialidade do mercado rio-grandense, dotando-o de uma parcela maior de população com médio poder aquisitivo. O imigrante possuía um poder de compra bem maior do que o daqueles que, radicados em outras regiões do Brasil, se integraram à massa assalariada do campo e da cidade.

Logo, o mercado para os produtos coloniais, além do nacional, restringia-se ao norte e centro do Rio Grande do Sul ocupado pelo imigrante, sendo este originário da Polônia e Leste Europeu. Aqui surge um elemento novo para o processo de industrialização, ou seja, a pré-condição de um mercado consumidor na própria zona colonial, que fomentou a capitalização de recursos e de padrões de consumo alteráveis pela dinâmica de mercado. Nota-se assim que havia *a priori* um mercado entre os grupos imigrantes no estado, similar ao próprio mercado entre nações do continente europeu. Seria essa uma reprodução do mercado interno europeu com suas especificidades?

Moure (1980) e Reichel (1979) apontam que o capital necessário para a instalação de indústrias foi gerado não só pelas trocas realizadas dentro do próprio estado como também pelas trocas ligadas ao mercado interno brasileiro. Em um segundo plano, é importante ponderar e destacar os capitais acumulados pelos produtores da zona colonial – os colonos. Estes entregavam o capital para os comerciantes e, dessa maneira, participavam dos empreendimentos da zona urbana, ou constituíam pequenas fábricas que atendiam especificamente a sua zona de produção.

É mister mostrar que a inserção da economia imigrante espanhola e italiana na economia rio-grandense era uma realidade histórica, uma vez que a concorrência do centro do país obrigou a indústria porto-alegrense a crescer além do mercado da zona colonial, oferecendo produtos que atendessem às necessidades e interesses do mercado estadual.

Considerando o processo industrial descrito anteriormente, a economia imigrante sofreu significativas transformações. A mão de obra familiar e a pequena propriedade passaram a relacionar-se intimamente com o modo de produção capitalista, e as consequências deixaram pouco a desejar para o camponês inserido em uma nova sociedade, na qual a capacidade de subsistência e expansão limitam-se a condições não igualitárias entre ambos.

Já foi visto que a região colonial do Rio Grande do Sul, além de área inexplorada economicamente, atendia aos interesses da classe dominante pecuarista de não interferência em seus negócios. Essa delimitação espacial não só satisfaz aos pecuaristas, mas tornava os imigrantes independentes em relação ao grande proprietário. Além de isolado, o imigrante isolara-se

de possível influência.

A condição básica a ser resgatável desse processo reside na subordinação indireta do trabalho do colono ao capital comercial e industrial. A acumulação registrada na comercialização e investida na industrialização esteve e continua calcada na exploração do trabalho do colono e do imigrante, reduzindo os custos de produção industrial e as possibilidades de reverter essa dinâmica apontada por Moure:

Em consequência do esfacelamento do minifúndio e o atrofiamento de suas possibilidades de manutenção interna, a industrialização provoca a mais aguda contradição da inserção da economia imigrante [italiana e espanhola] na economia do Rio Grande do Sul. (MOURE, 1980, p. 112).

Surgem assim as atividades industriais, que passam a garantir uma demanda mínima estável dos produtos agrícolas e de subsistência desses imigrantes. Nessas regiões especializadas, visualizadas no mapa 2 anterior, o minifúndio passa a se constituir em forma de penetração do capitalismo no campo, haja vista que sua produção passa a ser controlada pela indústria afim. A indústria controla inteiramente a produção, adianta o capital sob forma de crédito, fornece insumos, supervisiona o processo de trabalho e fixa preços do produto oriundo das mãos do imigrante espanhol.

Da mesma forma, sindicatos de produtores ou cooperativas monopolizam a produção e preços do mercado, subordinando igualmente ao produtor. Santos (1993) concorda com a subordinação do processo de trabalho camponês (imigrante), como este o define, ao modo de produção capitalista, sem admitir a proletarianização a domicílio do minifundiário, mas afirma que a formação capitalista provoca é a ampliação das contradições sociais, na medida em que reproduz o personagem não especificamente capitalista do camponês.

Identificadamente paralelas, contudo isoladas, a economia colonial imigrante e economia pecuarista da campanha só conheceram a unidade com a industrialização no Rio Grande do Sul, sendo esta inclusive incentivada pelos grupos migratórios espanhóis e italianos. As condições da estrutura de produção porto-alegrense e da região carbonífera, onde houve grande concentração de imigrantes espanhóis, voltadas para o mercado regional, capacitaram seu desenvolvimento e dominância.

Nesse processo, a unidade produtiva, o minifúndio, era expropriado. Seja pelo esgotamento do solo, ou pela utilização de técnicas rudimentares de cultivo, ou, ainda, pela proliferação de pequenas propriedades

cada vez menores, as condições de subsistência interna do minifúndio eram minimizadas, levando o pequeno proprietário imigrante e sua família a oferecer um trabalho assalariado, quando as condições possibilitavam, ou migrar para outras áreas do estado (SANTOS, 1993). Isso se verificou inclusive na imigração espanhola interna, conforme apontou Arroyo (1958).

Tal processo equivale afirmar que a transformação industrial das matérias-primas produzida pelo minifundiário imigrante espanhol construiu mecanismos de subordinação da pequena propriedade ao capital. Destarte, o processo histórico da economia imigrante apropriou-se do mercado regional, por meio de acumulação de capitais que viabilizaram a industrialização, mas expropriou sua unidade de produção originária (o minifúndio), configurando-se assim as especificidades econômicas do território sul-rio-grandense onde a imigração espanhola estivera presente e também as questões de impacto territorial, apontadas por Uebel (2012) em sua extensa pesquisa sobre a imigração espanhola no Rio Grande do Sul e suas repercussões territoriais e econômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade espanhola no estado do Rio Grande do Sul, além de contribuir para a cultura e tradições regionais, por meio de seu aspecto sociolaboral, consolidou especificidades e configurou características territoriais exclusivas, dentre elas, de cunho territorial-econômico, conforme se concluiu da apresentação dos gráficos e suas respectivas análises no penúltimo capítulo e no anterior a estas inferências finais, tendo como inferência-mor a clara divisão das regiões que acolheram a imigração espanhola no Rio Grande do Sul quanto as suas finalidades.

Tal divisão, apontada na cartografia, resultou nas seguintes regiões: Região 1 – região menos impactada territorialmente pela imigração espanhola no século XX e início do século XXI, porém, expressivamente representada na questão econômica –; Região 2 – região de transição, provisória e intermediária da imigração espanhola no estado, sendo a região destaque no que concerne também ao período de evolução da economia sul-rio-grandense artesanal para a industrialização do estado –; Região 3 – região que mais sofreu os impactos territoriais dessa imigração, mas que se aproxima aos questionamentos levantados por Prado Júnior acerca do caráter diferenciado da imigração no Rio Grande do Sul; e Região 4 – onde a imigração espanhola encerrara-se e concentrara-se no seu *ultimo locus*, e onde as condições sociolaborais igualmente foram expressas sensivelmente.

O artigo corrobora as principais análises da literatura especializada acerca das determinações particulares da imigração espanhola no estado

do Rio Grande do Sul. Reitera-se a assertiva de Prado Junior (1994) de que a imigração no Rio Grande do Sul tivera um caráter não só econômico e político, mas principalmente territorial, de caráter ocupacional, o que se verificou na imigração espanhola ao estado.

A investigação das atividades econômicas e atuações particulares de atração dos espanhóis no território sul-rio-grandense, foram ao encontro de conclusões já delineadas por Moure (1980) que preconizava a importância decisiva da imigração espanhola para a industrialização do Rio Grande do Sul, passando da mão de obra artesanal até a indústria estadual, tendo como região de concentração a região carbonífera do estado.

Pode-se concluir também que a imigração como um todo fora de caráter diferencial e abridora de caminhos para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, ao contrário do que ocorreu em outros estados que optaram pela utilização de mão de obra exclusivamente escrava quando do Império e *a posteriori* de indivíduos nacionais.

Por fim, quanto à questão de política imigratória, fica pouco explícito, porém é citado, que esta foi importante no processo de vinda desses espanhóis ao Rio Grande do Sul, mas não havia sido o fator primordial e exclusivo para essa imigração. O que este trabalho leva como inferência é que os espanhóis vieram para cá muito mais como uma alternativa qualificada e melhorada às suas necessidades de vida do que em decorrência de uma simples política imigratória do governo da época.

Assim, o objetivo, a finalidade principal dessa imigração espanhola ao Rio Grande do Sul foi: a operação, reprodução e manutenção dos territórios fronteiriços, com fins políticos, econômicos, sociais e territoriais; e a conservação e melhoria das condições acima explicitadas dos próprios espanhóis que optaram por imigrar especificamente ao Rio Grande do Sul e às suas quatro regiões delimitadas anteriormente.

Em suma, este particular processo imigratório, pouco estudado pela academia, apresenta um caráter singular, exclusivo e indispensável para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul no período de estudo proposto.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Angel Antônio Gómez del. Os espanhóis na formação e povoamento do Rio Grande do Sul. In: BECKER, Klaus. *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1958. cap. 4, p. 207-252.
- CARRION JÚNIOR, Francisco M. A economia do RS; evolução recente. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). RS: economia

- e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 409. (Série Documenta, 2).
- DACANAL, José Hildebrando. RS: Imigração & Colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. 280 p. (Série Documenta, 4).
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964. 373 p. (Sociedade e Educação).
- DOBB, Maurice. *A Evolução do capitalismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1986 (Coleção Os Economistas).
- ETCHEVERRY, Daniel. “Vivo en un mundo y quiero otro”: um estudo etnográfico sobre os discursos migratórios e as modalidades de controle dos imigrantes em Buenos Aires, Madri e Porto Alegre. 2011. 484 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 15, n. 1, p.35-42, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.
- HATTON, Timothy J.; WILLIAMSON, Jeffrey G. *The age of mass migration: causes and economic impact*. New York: Oxford University Press, 1998. 301 p.
- HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*, 21 ed, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, 2006. 349 p.
- KLEIN, Herbert S. *A imigração espanhola no Brasil*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Sumaré, 1994. 112 p. (Série Imigração).
- KRELING, Wilma Ferreira. *História da Casa de Espanha de Porto Alegre*. 1979. 436 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.
- LAGEMANN, Eugenio. Imigração e Industrialização. In: DACANAL, José Hildebrando. RS: Imigração & Colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. cap. 5, p. 114-134. (Série Documenta, 4).
- MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973. 223 p.

- MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: DACANAL, José Hildebrando et al. RS: Imigração & Colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. (Série Documenta, 4). cap. 4, p. 91-113.
- OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. *Os espanhóis*. Sorocaba: TCM, 2002. 176 p.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 41. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 364 p.
- PROCHNOW, Lucas Neves. *Memórias, narrativas e história: a imigração espanhola recente em Porto Alegre*. 2009. 328 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, Marcos Chor; VENTURA, Ricardo. (Org.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996, p. 59-84.
- REICHEL, Heloísa J. A Industrialização do RS na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). RS: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 409. (Série Documenta, 2).
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SANTOS, Ricardo Evaristo dos. La evolución cuantitativa del proceso migratorio español a iberoamérica (1890-1950) con especial referencia a Brasil. *Revista de Economía y Sociología del Trabajo*. Madrid, n. 19, p. 138-154. mar. 1993.
- SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. *As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940)*. 2004. 573 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/alsilvajr2000/tese-adhemar.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e evolução urbana*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.
- UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. As influências da Espanha e Holanda na formação econômica do Brasil. *Cadernos Camilliani*, Cachoeiro de Itapemirim, v. 12, n. 1, p.11-22, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/11929755/As_influências_da_Espanha_e_Holanda_na_formação_

econômica_do_Brasil>. Acesso em: 04 jul. 2015.

_____. *Impactos da Imigração Espanhola no Desenvolvimento Econômico e Territorial do Estado do Rio Grande do Sul no Século XX*. Santa Maria, UFSM, 2012 (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas da UFSM). Disponível em: <https://www.academia.edu/6310684/Impactos_da_Imigração_Espanhola_no_Developolvimento_Econômico_e_Territorial_do_Estado_do_Rio_Grande_do_Sul_no_Século_XX>. Acesso em: 29 jun. 2015.

VARGAS, Iolanda Guimarães. *História da sociedade espanhola de socorros mútuos de Porto Alegre*. 1979. 448 f. Dissertação (Mestrado em História da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

WEBER, Regina. Galegos no sul do Brasil: alternativas na América. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 17, n. 31, p. 83-109, jul. 2010a.

WEBER, Regina. Manifestações identitárias de imigrantes espanhóis no Sul do Brasil. In: MARTINS, Ismênia de Lima; HECKER, Alexandre. *E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010b. cap. 9, p. 133-150.

WEBER, Regina et al. *Pesquisas sobre a imigração espanhola no Rio Grande do Sul*. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nph/arquivos/Pesquisas_sobre_a_imigração_espnhola_no_Rio_Grande_do_Sul.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2015.

Recebido em 12/07/2015

Aprovado em 24/10/2015